

EDITORIAL

NARRATIVAS DELINEANDO TEMPOS E ESPAÇOS: DIVERSIDADE E ALTERIDADE

Nesta edição apresentamos 6 artigos Fluxo Contínuo e 9 artigos que compõem o Dossiê: “Narrar a infância, narrar a juventude: educação, espaços, saúde e artes”, organizado por Maria da Conceição Passeggi, Universidade Cidade de São Paulo e Univeridade Federal do Rio Grande do Norte; Ecleide Cunico Furlanetto - Universidade Cidade de São Paulo; Conceição Leal da Costa- Universidade de Évora.

Na parte “Fluxo Contínuo”, os artigos constroem uma narrativa, abordando conteúdos que propõem a reflexão no campo educacional em torno da alteridade e diversidade na gestão escolar, no exílio e na moradia, na vivência de si e nas vicissitudes da sala de aula. Os autores descrevem como as relações afetam os espaços e tempos nos contextos em que estão inseridos. Os sujeitos reagem não apenas às características objetivas de uma situação, mas levam em conta os sentidos e significados que os sujeitos atribuem a uma determinada situação.

O Dossiê “Narrar a infância, narrar a juventude: educação, espaços, saúde e artes” apresenta a seguinte questão: Que acontecimentos da infância e da juventude são evocados e refletidos por crianças, jovens e adultos? Focaliza narrativas escritas, orais, imagéticas, estéticas, digitais de crianças e jovens sobre suas experiências atuais e de adultos que revisitam sua infância. O objetivo é interrogar a experiência humana atravessada pela mobilidade do tempo (passado, atual, ficcional); a alternância de lugares (materiais, virtuais, digitais), as transições situacionais (saúde e adoecimento; bem-estar e mal-estar), enquanto vias para (re)pensar a educação (formal, informal) e os modos como se constituem experiências fundantes, singulares e coletivas, das representações de si, da alteridade e do agir humano nos universos da infância e da juventudes.

Na composição do Fluxo Contínuo e Dossiê contamos com 1 texto na língua inglesa, 1 texto na língua francesa e 1 texto na língua espanhola, conta com pesquisadores da Europa, Estados Unidos, América Latina e do Brasil. São elas: 1 universidade americana: Universidade Davenport-Michigan - USA, 1 Universidade da América Latina: Universidade de Antioquia - Colômbia; 4 universidades europeias: Universidade de Milão-Bicocca - Itália, Universidade do Minho - Portugal, Universidade de Évora - Portugal e Universidade de Nantes -França; 9 universidades brasileiras: Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Universidade de Campina Grande, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Rio Grande do Norte, Universidade do Estado da Bahia, Universidade Cidade de São Paulo.

Iniciamos apresentando os artigos que compõem o Fluxo Contínuo.

Meaghan Polega, Roque do Carmo Amorim Neto, Rebecca Brilowski, Kristin Baker, no artigo: Diretores de escola e o trabalho em equipe entre professores: um estudo exploratório, apresentam um estudo que destacou o papel que os diretores das escolas públicas desempenham na implementação do trabalho em equipe entre professores do ensino fundamental e médio. Uma amostra de 636 diretores dos EUA completaram uma pesquisa on-line sobre a importância do trabalho em equipe, identificando as barreiras enfrentadas pelos professores ao trabalhar em equipes e listando as iniciativas tomadas para promover o trabalho em equipe entre os professores. As descobertas sugerem que os diretores consideram o trabalho em equipe muito importante. Também mostraram que restrições de tempo, preocupações com relacionamento e diferenças no ensino e experiência são os principais obstáculos ao trabalho em equipe. Os resultados também indicaram que os diretores tomam iniciativas tais como a modificação de horários, atividades de formação de equipes e desenvolvimento profissional para promover o trabalho em equipe entre os professores.

Gabriel Jaime Murillo Arango, no artigo: Vivendo para educar(se): uma experiência em busca de narrador, o autor apresenta como objetivo demonstrar o processo de identidade narrativa do indivíduo como a essência de todo o currículo de formação ao longo de uma história de vida. O seu ponto de partida é o reconhecimento da natureza universal das narrativas em todas as culturas do mundo, como se viu na antropologia filosófica, nas ciências da linguagem e na hermenêutica. Esta base teórica permite a melhor compreensão do desenvolvimento pessoal nas escolas e da educação não formal, colocando o pé no chão da transdisciplinaridade no conhecimento. Ou seja, trata-se de uma teoria sem fronteiras, onde entra em jogo a narrativa biográfica no paradigma da educação.

Emanuela Mancino, no artigo: A moradia como estrutura da experiência. ex-sistência como relação entre espaços: exílio, alteridade, a autora apresenta uma proposta teórica e reflexiva que pretende relacionar a ideia de morar com uma das propostas filosóficas mais frutíferas sobre a possibilidade de uma relação educacional em sua forma mais estética e sensível, ou de uma educação que considere o “logos sensível”. Trata-se de uma proposta que pretende captar o gesto estético da atenção, ancorada no pensamento de Maria Zambrano, ao propor que a habitação dialoga com as dimensões do exílio e da alteridade. Nesse sentido, a reflexão educacional se relaciona não apenas com o que é familiar: os espaços vividos da escola, os diversos contextos de aprendizagem, mas sobretudo com o que “nos passa”, ou seja, com o que nos permite ex-sistir, sair de onde normalmente nos encontramos. Este movimento, através do exílio e de suas metáforas, permite-nos experienciar a processualidade e o planejamento existenciais necessários para encontrar o outro e

nos sentirmos como convidados. O passo ético adicional será planejar a recepção, tornando o gesto educacional um gesto cada vez mais disponível ao encontro. Sem uma reflexão sobre o exílio, sem o pensamento sobre a moradia e a alteridade não haveria a experiência da atenção.

Teresa Sarmiento e Conceição Leal da Costa, no artigo: O que fazemos com o que fazemos conosco... trilhar caminhos em interação, as autoras apresentam uma investigação internacional que recorre a narrativas biográficas para construção de conhecimento sobre identidades profissionais e vidas de professores. As autoras afirmam que os professores desenvolvem-se numa teia relacional, com crianças, pais, pares profissionais, e outros, a partir das questões de partida: As crianças e os EE têm algum papel no trabalho dos professores? Qual o seu papel na vida das crianças e das suas famílias? Como conjugam expectativas profissionais com as das famílias? Os resultados desocultam múltiplas oportunidades de interação que os docentes vivenciam nos quotidianos, enfatizando as emocionalmente mais impregnantes ou mais formativas, em que as crianças constituem o grupo central das interações referidas.

Lucia Maria Vaz Peres, Rose Mary Kerr de Barros, Andrisa Kemel Zanella, no artigo: A imagem do arquétipo mestre-aprendiz em cartas escritas aos professores que produziram marcas significativas: uma abordagem junguiana nas histórias de vida, as autoras apresentam o resultado de uma investigação realizada no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, a partir do ano de 2014. O estudo teve como objetivo identificar as representações – imagens e imaginários presentes na escrita de cartas para professores do passado, que mais marcaram a trajetória de formação dos sujeitos de pesquisa. Ou seja, buscou-se capturar as memórias e imaginários fundadores das representações da trajetória de formação. Neste artigo, a análise da carta de uma aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas que se chamou de Carta-Xixi. A metodologia seguiu as orientações da abordagem (auto)biográfica de Marie-Christine Josso e simbólica dos estudos do imaginário de Gilbert Durand e da psicologia analítica de Carl Jung. A partir dos símbolos emergentes da carta, buscou-se relacioná-los com os paradigmas presentes na metodologia e na epistemologia das histórias de vida, tendo, prioritariamente, como lentes de análise a Psicologia Analítica. O intuito é visibilizar a contribuição dessa abordagem teórica para o campo dos estudos da autobiografia e formação.

Finalizamos os artigos de Fluxo Contínuo com Adrienne Ogêda, Ana Gouvin, Camila Delgiudice, David de Lima, Dominique de Castro Pas Costa, Maria Antônia Sattamine de Souza, no artigo: Por uma formação de professores incorporada, os

autores abordam aspectos da pesquisa-ação desenvolvida sobre as experiências realizadas na disciplina Corpo e Movimento, componente curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A pesquisa tem como objetivo conhecer de que forma se dão as questões da corporeidade dos discentes e como compreendem a relação entre a dimensão corporal e os desafios da docência. As práticas desenvolvidas na referida disciplina têm por objetivo ampliar o autoconhecimento dos participantes acerca de seus corpos, tornando-os mais dispostos não só para perceber seus próprios corpos, mas serem receptivos e presentes nas suas práticas.

Apresentamos os artigos que compõem o Dossiê: “Narrar a infância, narrar a juventude: educação, espaços, saúde e artes”.

Iniciamos com Martine Lani-Bayle, no artigo : Qual a relevância da "narrativa infantil" para uma pesquisa "com" as crianças?, a autora lança as questões: O que fazemos, o que nós fazemos com as narrativas de vida e de experiência? Por que elas nos interessam? Em torno dessas questões, a autora questiona a via narrativa aberta pela perspectiva clínica que qualificou de “dialógica” e que está alinhada com a corrente das histórias de vida. Percebendo que ela era proposta ou praticada principalmente por adultos, lança uma pesquisa reunindo narrativas de crianças sobre sua escolaridade, pesquisas que se desenvolveram no Brasil e na Colômbia, especialmente sob os auspícios de Maria PASSEGGI. Esses trabalhos mostram do que as crianças são capazes e o que elas podem esperar de suas próprias habilidades narrativas; e ecoando o que podemos esperar, tanto em pesquisa quanto em educação.

Maria da Conceição Passeggi, Senadaht Baracho Rodrigues e Ecleide Cunico Furlanetto, no artigo: A criança e o adoecimento: entre a escola e o hospital, as autoras estabelecem como pressuposto que tanto para o adulto quanto para a criança a reflexão narrativa possibilita revisitar a experiência vivida e dar-lhe um outro sentido. Nessa perspectiva, defendem a centralidade da palavra da criança como fonte de pesquisa e de produção do conhecimento científico. Apoiam-se nos princípios epistemológicos da pesquisa (auto)biográfica em educação, nos estudos da infância e da psicologia cultural de perspectiva narrativista. Com base nas experiências narradas por três crianças em tratamento oncológico, discutem o modo como elas veem a transição entre a escola e o hospital. Como procedimento metodológico recorrem à ludicidade e ao imaginário infantil propiciado nas rodas de conversa. As análises apresentam os desafios do ingresso e do reingresso da criança no contexto escolar, perspectivando a escolaridade como direito da criança e o bem-estar na escola como prática de acolhimento. Para concluir, ressaltam a importância da reflexão narrativa

enquanto modo de pensar com as crianças e a reflexão que elas fazem sobre as experiências vividas na escola e no hospital.

Luciane Germano Goldberg, no artigo: Da potência narrativa do desenho infantil para a pesquisa (auto)biográfica com crianças, a autora destaca que toda criança, antes de escrever, desenha, afirmativa muito comum entre variados estudiosos do desenho infantil. Antes de apreender o código da escrita, a criança inicia um processo gráfico de comunicação e expressão extremamente singular, criando um “alfabeto” plástico próprio. O espaço do papel é, assim, o território das possibilidades narrativas: há sempre algo acontecendo, tecendo realidade e imaginação, no exercício de autoconhecimento e de elaboração das experiências vividas por elas. O que fazemos, nós, adultos e pesquisadores(as), da área da Educação, diante do desenho de uma criança? Reconhecemos o potencial narrativo desses “rabiscos” esboçados no papel? Dispomo-nos à leitura e à escuta sensível da narrativa que daí brota? Este artigo propõe um diálogo entre as categorias narrativa, experiência e desenho infantil na composição do “autobiografismo”, o desenho infantil como potente dispositivo de biografização da criança.

Luciana Esmeralda Ostetto e Rosvita Kolb Bernardes, no artigo: Infâncias em diários de formação estética: narrativas de estudantes de pedagogia e de arte, as autoras apresentam dados de uma pesquisa interinstitucional que teve por objetivo mapear percursos de formação estética de licenciandos de Pedagogia e de Arte de duas universidades públicas brasileiras. Recorrendo à proposta inspiradora dos ateliês biográficos e aos princípios do ateliê de arte, metodologicamente centrou atenção na ação do recordar por meio de diferentes linguagens expressivas (pintura, recorte-colagem, desenho, música, dança, entre outros), além da palavra. Um diário de memórias e miudezas foi proposto como suporte para abrigar narrativas textuais e imagéticas no decorrer dos encontros-ateliês. Na leitura dos diários, foram identificadas narrativas da infância que enunciam, entre encontros e desencontros, paisagens e percursos trilhados pelos licenciandos na jornada de fazer-se pessoa; no campo da sensibilidade, dão a conhecer rotas, em meio à natureza, à família e à escola, pelas quais as oportunidades de criação e os sentidos foram aguçados ou reprimidos.

André Augusto Diniz Lira, no artigo: Por uma aprendizagem das experiências na infância: literatura e (auto)formação em “O ajudante de mentiroso” de Lêdo Ivo, o autor enfoca as experiências da infância como um período crucial no processo do “tornar-se” poeta, escritor e crítico literário de Lêdo Ivo, tendo por base a obra O Ajudante de Mentiroso. Considera-se a estrutura da obra e as representações discursivas da infância. O autor discute a sua compreensão de “verdade” e “mentira”,

no quadro da ficcionalidade, o lugar da visibilidade e das experiências de leitura do mundo, de leitura da palavra e da relação com os outros.

Selma Nascimento Vilas Boas e Adair Mendes Nacarato, no artigo: *Meu Livro do Tempo: narrativas e desenhos das crianças da educação infantil*, as autoras apresentam o recorte de uma pesquisa de Mestrado, que teve como objetivo analisar os desenhos e as narrativas de crianças de 4 a 6 anos, quando envolvidas na discussão do conceito de tempo. O recorte aqui apresentado centra-se na etapa final da pesquisa em sala de aula, nos momentos de produção do *Meu Livro do Tempo*. A pesquisa foi realizada numa turma de Educação Infantil da rede municipal de uma cidade do interior paulista. Apoiar-se na perspectiva histórico-cultural e toma como fonte de dados as narrativas e os desenhos produzidos pelas crianças. A análise apoia-se em indícios de apropriação de marcadores temporais pelas crianças, bem como na explicitação de práticas culturais relacionadas ao tempo – cronológico e vivido.

Patrícia Júlia Souza Coêlho e Elizeu Clementino de Souza, no artigo: *Narrativas e aprendizagens experienciais de crianças de uma escola de educação infantil rural*, os autores abordam questões concernentes à pesquisa (auto)biográfica ao enfatizar, nas análises das narrativas de crianças de 0 a 6 anos, o processo de constituição de aprendizagens experienciais no contexto de uma escola pública rural de Educação Infantil. As análises das narrativas das crianças dialogaram com os princípios da Sociologia da Infância e da abordagem (auto)biográfica. Para a recolha das narrativas infantis, foram utilizados como dispositivos metodológicos rodas de conversa, desenhos infantis e diálogos narrativos com cada criança colaboradora da pesquisa. Busca-se, com as reflexões apresentadas, ampliar os debates sobre as diferentes infâncias e sobre as aprendizagens experienciais, considerando os sentidos que as crianças de localidades rurais atribuem às experiências vividas nos diferentes contextos em que a educação delas se materializa, especialmente, no contexto escolar.

Iduína Mont'Alverne Braun Chaves, Marcio Mori e Gilmar Oliveira da Silva, no artigo: *Narrativas de jovens estudantes universitários: imagens e simbolismos*, os autores apresentam neste estudo a pesquisa narrativa com o objetivo de promover o autoconhecimento e a reflexão em estudantes universitários, favorecer a construção de um ambiente em que as relações docente-discente se estreitem e capturar os sentidos elaborados por eles ao narrarem a sua vida estudantil. Este estudo está ancorado no paradigma da complexidade, de Edgar Morin, nos estudos antropológicos do imaginário, de Gilbert Durand, Hilmann, nas pesquisas de Christine Delory-Momberger, Bruner e Maria da Conceição Passeggi, Chaves, entre outros. Acreditam os autores que a pesquisa narrativa pode promover o acolhimento e (des)vendar o

universo simbólico do alunato, auxiliando no saber sobre si e no estabelecimento de relações interpessoais mais benéficas. A pesquisa narrativa abre possibilidades de um diálogo estreito com a experiência viva, com a formação e com desenvolvimento pessoal. É dessa experiência viva que advém a compreensão, oriunda de uma escuta sensível que se manifesta nas histórias contadas por três estudantes neste texto.

Finalizamos o Dossiê com Ercília Maria Braga de Olinda e Elismária Catariana Barros Pinto; no artigo: O círculo reflexivo biográfico na pesquisa com jovens da periferia de Maracanaú-CE, as autoras apresentam as origens, fontes inspiradoras, fundamentos teóricos e a dinâmica de um dispositivo de pesquisa e de formação intitulado Círculo Reflexivo Biográfico, demonstrando sua fecundidade no processo de biografização desenvolvido com oito jovens, de Maracanaú-CE. Como produto final da tessitura coletiva e dialógica realizada ao longo de oito encontros, foram produzidas histórias de vida. As questões norteadoras foram: Como os projetos e ações governamentais, na esfera municipal, têm repercutido na vida de jovens em situação de risco e vulnerabilidade social? Que pessoas, grupos, instituições e processos colaboraram ao longo de suas trajetórias no processo de resiliência? A análise do corpus foi feita com base no processo auto-organizador da Análise Textual Discursiva, demonstrando a força dos tutores de resiliência advindos da família e de grupos religiosos e o quase silenciamento em reação aos programas oficiais, eivados de lacunas e descontinuidades.

Esperamos que façam uma boa leitura e que os artigos aqui publicados possam contribuir para novas pesquisas.

Margaréte May Berkenbrock-Rosito
Celia Maria Haas
Maria da Conceição Passeggi
Ecleide Cunico Furlanetto
Conceição Leal da Costa